



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

ARTE E CORPO COMO FATORES IDENTITÁRIOS DO HOMEM GAY

VICTOR SORIANO

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

ARTE E CORPO COMO FATORES IDENTITÁRIOS DO HOMEM GAY

Trabalho prático submetido à Banca de
Graduação como requisito para obtenção do
diploma de Comunicação Social/Jornalismo.

VICTOR SORIANO

Orientadora: Prof. Dr. Amaury Fernandes Jr.

Coorientadora: Profa. Ma. Elaine Vidal de Oliveira

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o Projeto Prático **Arte e corpo como fatores identitários do homem gay**, elaborado por VICTOR SORIANO.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Amaury Fernandes Jr. – ECO/UFRJ (Orientador)

Prof.^a. Ma. Elaine Vidal de Oliveira – ECO/UFRJ (Coorientadora)

Prof.^a. Dra. Lucimara Rett – ECO/UFRJ

Prof.^a. Ma. Ângela Pingo – IBMEC/RJ

RIO DE JANEIRO

2017

CIP - Catalogação na Publicação

S714a Soriano, Victor
Arte e corpo como fatores identitários do homem
gay / Victor Soriano. -- Rio de Janeiro, 2017.
44 f.

Orientador: Amaury Fernandes Jr.
Coorientadora: Elaine Vidal de Oliveira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2017.

1. Arte. 2. Corpo. 3. Homossexualidade. 4.
Identidade. 5. Documentário. I. Fernandes Jr,
Amaury, orient. II. Vidal de Oliveira, Elaine,
coorient. III. Título.

Em memória de Diego Vieira Machado, gay, negro, paraense e artista, violentado e assassinado dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

*“Esses jogos de guerra
não são guerra
nem estão no mar ou no espaço
Mas por detrás de óculos
e um par de jeans”*

Leonilson – Jogos Perigosos - 1990

AGRADECIMENTOS

Ao meu axé e às bênçãos de meu pai Logun-Edé: *Loci Loci, Logun ô Akofá!*

Às minhas famílias por todo amor do mundo.

Aos meus amigos pelo cuidado e afeto fraternais.

Aos personagens de meu filme, pelo encontro.

Aos meus orientadores pela fé no meu trabalho.

SORIANO, Victor. **Corpo Gay: arte e corpo como fatores de identidade do homem gay.**
Orientador: Amaury Fernandes Jr.; Coorientadora: Elaine Vidal de Oliveira. Rio de Janeiro:
UFRJ/ECO. Projeto Prático em Jornalismo.

RESUMO

O presente trabalho é um relatório técnico do curta metragem *Corpo Gay*, dirigido e roteirizado por Victor Soriano, para o Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ. Nesse relatório serão abordados os aspectos teóricos que motivaram a execução do documentário, bem como as especificações técnicas do filme. A produção audiovisual retrata a busca de um jovem artista para entender a sua fluidez identitária, a sua sexualidade e o seu processo artístico a partir de seu encontro com outros homens gays artistas.

Palavras-chave: Documentário. Arte. Corpo. Identidade. Homem gay.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

II. 1 - Homossexualidade pode estar nas pinturas rupestres da Serra da Capivara.....	18
II. 2 - Kiss Briseis Painter, Musée du Louvre, 480 d.C.....	19
II. 3 - Bustos de Adriano e Antínoo, <i>British Museum</i>	20
II. 4 - As Rosas de Heliogábalo, 1888 - Lawrence Alma-Tadema.....	20
II. 5 - O americano Bringham Morris Young, a <i>drag queen</i> Madam Pattrini, anos 1800.....	22
II. 6 - X-Self Portrait_NYC, 1978, <i>ARoS Aarhus Art Museum</i> , Robert Mapplethorpe.....	24
II. 7 - Fotos do livro “Alair Gomes – <i>A New Sentimental Journey</i> ”	24
II. 8 - <i>Print screen</i> da tela de monitoramento do <i>Stilingue War-Room</i>	29
II. 9 - Performance “ <i>La Bête</i> ”	30
II. 10 – Cartaz do filme <i>Corpo Gay</i> – Direção de Arte: Victor Soriano.....	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Investimentos em ações de combate à LGBTfobia.....	27
Gráfico 2 - Evolução da Taxa de LGBTs mortos por dia.....	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Cronograma de Projeto Experimental 2017.....	33
Quadro 2 - Relação de equipamentos.....	38
Quadro 3 - Ficha técnica do filme.....	39
Quadro 4 - Ficha técnica da exposição.....	39
Quadro 5 - Relação de gastos.....	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. O CORPO GAY: UM CORPO MARGINAL.....	13
2.1 HIV e AIDS como vestígios identitários.....	15
3. ARTE CONTRA A NORMA.....	18
4. PROPOSTA DE PROJETO PRÁTICO.....	26
4.1 Justificativa e relevância do tema.....	26
4.1.1 Hipótese.....	30
4.2 Justificativa e relevância do produto.....	30
4.3 Objetivos específicos.....	32
4.4 Metodologia.....	31
4.5 Cronograma da pesquisa.....	33
5. ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS DO DOCUMENTÁRIO.....	35
5.1 Argumento.....	35
5.1.1 Personagens.....	36
5.2 Equipe.....	36
5.3 Equipamentos.....	37
5.4 Ficha técnica do filme.....	38
5.5 Ficha técnica da exposição.....	39
5.5.1 Conteúdo.....	39
6. GASTOS DE EXECUÇÃO.....	41
7. CONCLUSÃO.....	42
8. REFERÊNCIAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho é o relatório de projeto filme *Corpo Gay*, um curta documentário sobre um jovem artista que busca entender a relação entre seus processos artísticos e sua identidade sexual. Para isso, ele busca encontrar outros jovens gays e artistas, de diferentes recortes de classe, raça e identidades de gênero, para entender o que possuem em comum. O diretor se coloca na narrativa também como personagem. Nesse texto, serão elucidadas as questões teóricas que motivaram o trabalho e também os aspectos técnicos relativos à produção audiovisual.

No primeiro capítulo pós-Introdução, se buscará analisar o objeto de pesquisa – o corpo gay - a partir do viés antropológico acerca da questão. Nele, são estudadas as questões históricas relativas ao entendimento do corpo gay como um processo histórico, com diversos atravessamentos, não só o relativo ao corpo como objeto, mas ao corpo demarcado com uma sexualidade desviante de uma normatização cultural histórica. É nesse capítulo também, que irão ser percorridas as principais questões que motivaram a pesquisa. Temáticas marcantes na história do movimento de homens gays que podem estar relacionadas à formação identitária dos componentes individuais do grupo minoritário. A marginalização consequente da quebra de norma traz consigo diversos estigmas como solidão, repulsa ao corpo gay e HIV/Aids, questões a serem abordadas não só nesse relatório técnico como também no filme referente.

Já o capítulo seguinte se propõe a enquadrar o objeto antropológico no campo de estudo da arte ocidental, tentando entendê-la, a partir do seu transcorrer histórico, como um possível fator de determinação identitária do corpo que foge à norma, como uma possibilidade de expressão da sexualidade desviante. A maior dificuldade na redação do capítulo foi o levantamento bibliográfico para situar a homossexualidade nas artes. Isso porque, por se tratar da análise de um período passado cujos comportamentos eram voltados para a tentativa de passabilidade social – a homossexualidade foi por muito tempo penalizada, o comportamento era reprimido pelas leis – as provas materiais, como estudos e diários, são muito escassos. Além disso, em se tratando de arte, as ramificações entre seus tipos de expressão são inúmeras.

Os capítulos são relativos a aspectos técnicos de elaboração do curta documentário *Corpo Gay* – como motivações, argumento, tabelas de gastos, equipamentos e equipe -, realizado como projeto experimental para conclusão do curso de jornalismo na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2. O CORPO GAY: UM CORPO MARGINAL

Ainda que registros históricos datem que por volta de 1200 a.C civilizações em que a homossexualidade era normatizada, o marco zero do movimento gay, contemporâneo e ocidental se dá em 28 de junho de 1969, com a *Stonewall Riot*¹. Este manifesto ocorreu no *Stonewall Inn*, um antigo bar LGBT de Nova York – que 47 anos depois viria a ser tomado como um monumento nacional pelo então presidente Barack Obama –, contra uma das humilhantes batidas policiais recorrentes no local, a revolução de 6 dias contra a violência de Estado representou a base das políticas LGBTQIA modernas. A visibilidade e as políticas discutidas com a *Stonewall Riot* chegaram no Brasil no final da década de 1970. Todavia, tecer uma análise identitária do corpo gay, exige analisar a história por ele carregada e também os contextos passados em que esteve imerso. *Stonewall Riot* foi um produto de processos há muito tempo iniciados que precisam ser levados em consideração.

Os primeiros registros ocidentais de condenação penal à homossexualidade surgem com através do *Buggery Act*² inglês, de 1533, e do Código Penal de Portugal³, de 1553, ambos sob influência da Inquisição. Essa lógica de penalização e de imposição de um comportamento normatizado e pautado pelos dogmas católicos – relações entre um homem e uma mulher, negando a “sodomia” - viriam a se expandir pelas potências da época e pelas colônias desses países – e chegar no Brasil através do Santo Ofício em 1591 (TREVISAN, 2000) - até se consolidarem como uma norma ocidental de condenação do corpo gay.

Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e nova especificação dos indivíduos. A sodomia — a dos antigos direitos civil ou canônico — era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. (FOUCAULT, 2005, p. 43)

Essa mudança comportamental não se dava apenas como uma mudança de norma ou de legislação, com condenações físicas, mas uma mudança sociológica na forma de lidar com o outro. Para Rodrigues (1999) essa postura objetificante ao tentar explicar o corpo seria uma

¹ FERRAZ, Thaís. LGBT: A História do Movimento. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento/>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

² LEVY, Michael. Gay Rights Movement. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Buggery-Act>>. Acesso em: 12 de novembro de 2017.

³ NALON, Thai. LGBT: História do Movimento. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento/>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

forma de domesticá-lo. Essa mudança refletiu também no que o corpo passou a representar para cada indivíduo: uma posse, de proprietário único. Segundo Foucault (2005), o século XVI foi marcado pelo avanço nas artes de governar e foi ali que foram assentadas normas que viriam a sofrer uma inflexão no período do iluminismo. As novas normas eram tentativas de fuga de uma suposta selvageria de conduta proveniente dos medievos para métodos de coerção não pautados pela tortura física, paulatinamente realizados pela força do Estado apenas com sanções respaldadas pelas leis.

Pela natureza do seu espírito, o homem não pode lidar com o caos. Seu medo maior é o de defrontar-se com aquilo que não pode controlar, seja por meios técnicos, seja por meios simbólicos. Este código estruturador gera a lei e a ordem – e a expectativa de organização responsabiliza-se por todo o medo à anarquia e à confusão de domínios que por definição se devem manter separados. A possibilidade de que as categorias venham a perder o controle que exerce, ou parecem-lhe exercer, sobre o mundo repercute como verdadeiro pânico em sua consciência. Por esta razão, o homem reconhece a existência de algo intrinsecamente bom e virtuoso na lei e na ordem. (RODRIGUES, 2006, p.21)

No decorrer histórico observa-se que uma sociedade também se materializa em corpos tornando-os instituições sociais. Assim, no momento em que o corpo gay, dotado de história (RODRIGUES, 1999), é tomado pelas grandes instituições das épocas precedentes à *Stonewall Riot* - família, Igreja e Estado - como marginal, instaura-se uma lógica que se retroalimenta de condenação do corpo-objeto *non grato* pelos períodos subsequentes. Ao mesmo tempo em que se condena a sexualidade, exige-se que dela seja exposto para equilibrar as forças políticas. Por isso o caráter político da organização dos corpos marginais em um movimento representativo.

A mudança das concepções morais estruturadas na Idade Média só começaria a acontecer com a aparição do Iluminismo e com a consequente Revolução Francesa. Segundo Foucault (2005), a concepção da homossexualidade como construção subjetiva só foi iniciada no século XIX, ainda que originada de normas institucionalizadas pela Igreja e, portanto, concebida como degenerada. Essa mudança de mentalidade reconhecia a existência da homossexualidade atrelando-a a perversões e aberrações da sexualidade – como a relação com animais ou com mortos - e diretamente ligadas com o “caos” (RODRIGUES, 2006), a fuga da lei, da ordem e da norma e por isso da concepção do corpo homossexual como marginal e condenado. Além disso, conforme Foucault (2005), a composição do ser homossexual é integralmente relacionada à sua sexualidade, que já nasce pautada pela degeneração de seu valor social e político.

A ideia instaurada de morte, de julgamento final, de castigo e interrupção da vida é apontada por Rodrigues (2006) como um dos mecanismos de controle da vida que os poderes sociais encontram. Assim, noções colocadas pelo cristianismo estão diretamente ligadas às sexualidades desviantes. O homem homossexual é, *a priori*, um condenado. A sociedade que exige que um corpo se exponha e ao mesmo tempo o condena (RODRIGUES, 2006) é a que executa os rituais de medo e coragem:

Ambos os lados são necessários ao funcionamento do poder: medo e coragem. Todavia, quando o poder desenvolve outros meios de se exercer, quando, como na sociedade industrial moderna, os recursos tecnológicos lhe permitem abrir mão de que os indivíduos sejam soldados, o poder passa a inculcar em seus súditos o medo extremo da morte e a obrigá-los a ver na vida o valor supremo: ela passa a ser preferível a tudo, qualquer que seja a sua qualidade e dignidade. (RODRIGUES, 2006, p.97)

Assim, através das diferentes concepções, - da natureza à cultura, da comunidade ao indivíduo e do indivíduo à espécie (RODRIGUES, 2006) -, a ideia de morte - e, portanto, de vida - é diretamente associada a ideias de valor de bens consumo. É, portanto, natural e previsto pelo próprio sistema de poder que haja periferizações político-econômicas e sociais de determinados corpos, tomados como marginais.

2.1 HIV e Aids como vestígios identitários

O estigma do gay soropositivo, a falta de conhecimento, de políticas públicas e de propaganda governamental efetiva, faz com que muitos homens só saibam que a infecção pelo vírus HIV ocorre via relações sexuais.⁴ O vírus do HIV e a hipótese fomentada de que a AIDS possui um rosto gay são motores para o autoflagelo. É desse estigma que se retroalimentam os discursos sociopolíticos de promiscuidade, incapacidade familiar, pedofilia, pederastia e falta de saúde. Segundo a UNAIDS, a desinformação sobre métodos de prevenção é um dos grandes obstáculos para a superação da doença⁵. E, ainda que não se use mais a terminologia “grupo de risco”, homens gays ainda são enquadrados como a sexualidade que mais se expõe a comportamento de risco, o termo substituto.

⁴ FERNANDES, Nathan; ESTRELA, Gabriel. A síndrome do preconceito. Eu vivo com HIV: E o preconceito é a pior parte. Galileu. São Paulo. Vol. 313. São Paulo: Editora Globo, agosto/2017.

⁵ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. “Conhecimento sobre prevenção à Aids permanece baixo, dizem jovens ao UNAIDS”. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conhecimento-sobre-prevencao-a-aids-permanece-baixo-dizem-jovens-ao-unaid/>>.

Uma das principais lutas do movimento no pós década de 1960, a de libertação sexual, criou o estigma de promiscuidade do movimento. Isso porque, segundo Touraine (2007), “a sexualidade é a construção das condutas do sexo”. Portanto, a reivindicação da liberdade de se relacionar com alguém do mesmo gênero, é a construção de uma conduta contrária à norma. Se todos os seres passam por um processo de socialização, a ideia de quebra de valores sociais incrusta na realização identitária uma ideia degenerada de si próprio enquanto homossexual, daí a repulsa ao próprio ser e a lógica da medicalização/cura como um valor.

O nojo, como outros tabus, é sancionado ritualmente. Isto significa que as regras de nojo são sanções idênticas às demais, embora para sua eficácia dependam como as outras das ideias e sentimentos que as pessoas tenham acerca das consequências de suas ações. A quebra das regras de nojo, embora possa provocar reações de outras pessoas ou em outras pessoas, não define sua sanção por estas reações, mas, diferentemente, pela ação de forças impessoais, interiores, imanentes à própria transgressão e sobretudo automáticas. (RODRIGUES, 2006, p.138)

Em setembro de 2017, o juiz da 14ª Vara Federal no Distrito Federal, Waldemar Cláudio de Carvalho, assinou uma liminar que autoriza psicólogos a oferecerem terapia de “reversão sexual”⁶. O medo da morte, um tabu amplificado, se funda na ideia de poder institucionalizado e também mobiliza a formação identitária:

Um raciocínio em termos de detenção do poder nos mostraria pessoas obedecendo para escapar da angústia de morte, submetidas à chantagem que o poder encena de cortar a vida, de condenação eterna, de julgamento final...sempre o poder da morte, quer seja veiculado pelo Príncipe, pelo patrão, pelo carrasco, pelo pai ou por Deus. Tenta convencer-nos de que a vitória do poder implique sempre a vitória pela morte e pela proclamação do direito de vida e de morte sobre os derrotados. (RODRIGUES, 2006, p. 243)

Segundo a ONU, em 2014, 62% das mortes associadas ao HIV foram de mulheres jovens e de baixa renda. O órgão ainda afirma que, em 2010, as mulheres acima dos 15 anos de idade representavam 31% dos infectados pelo vírus na América Latina.⁷ Já o Boletim Epidemiológico HIV-Aids 2013⁸, afirma que cerca de 30% das mortes ocorridas no Brasil até

⁶ GARCÍA, Janaína. Juiz que autorizou "cura gay" diz que decisão teve interpretação "equivocada". Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-1noticias/2017/09/21/juiz-que-autorizou-cura-gay-diz-que-decisao-teve-interpretacao-equivocada.htm>>. Acesso em: 22 de outubro de 2017.

⁷ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Países defendem ampliar acesso de mulheres a serviços de saúde para acabar com epidemia de HIV. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/paises-defendem-ampliar-acesso-de-mulheres-a-servicos-de-saude-para-acabar-com-epidemia-de-hiv/>>. Acesso em: 16 de novembro de 2017.

⁸ MINISTÉRIO DA SAÚDE. Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2013. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2013/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2013>>. Acesso em: 22 de setembro de 2017.

2012 e que estavam relacionadas ao HIV-Aids foram de mulheres. Ainda assim, é interessante para a norma, que não se fale sobre mulheres e que se continue a condenar homens gays. Assim, em um sistema em que é vantajoso invisibilizar identidades e onde a identidade que impera é a do homem cisgênero, branco, heterossexual e de classe elevada, políticas e relações sociais são determinantes e determinadas: é um mecanismo de poder⁹ não elucidar a questão do HIV e da Aids nem para mulheres e nem para homens gays.

⁹ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: História da violência nas prisões. 41^a ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

3. ARTE CONTRA A NORMA

A pesquisa analisa o corpo gay na arte a partir dos movimentos de expressão contemporâneos. Todavia, é necessário demarcar que não é incomum encontrar registros históricos de relações¹⁰ entre dois homens nas artes. Durante as pinturas rupestres – usadas pelos homens pré-históricos para retratar o cotidiano –, consideradas pela História da Arte como um dos primeiros registros artísticos da humanidade, foram encontrados registros. Na Serra da Capivara, no Piauí, foram encontradas pinturas pré-históricas nas rochas que representam dois homens juntos, em uma cena que pode ser interpretada como um ato sexual.



Ilustração 1 – Homossexualidade pode estar nas pinturas rupestres da Serra da Capivara.

Fonte: <http://bit.ly/2mWLgXl>

Na Antiguidade Clássica, a relação entre dois homens era também uma temática artística. Em Roma¹¹, por exemplo, as relações entre dois homens eram permitidas se o penetrador pertencesse a uma camada política e social superior ao penetrado. Enquanto na

¹⁰ GROSTEIN, Fernando. LGBT na Arte – Pinturas Rupestres. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9J8yguVExRg>>. Acesso em 22 de outubro de 2017.

¹¹ GROSTEIN, Fernando. LGBT na Arte – Roma Antiga. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qjk-AZ_a5Zc>. Acesso em: 22 de outubro de 2017

Grécia, as relações entre homens eram permitidas se fossem realizadas entre homens de mesma hierarquia.

O uso dos prazeres na relação com os rapazes foi, para o pensamento grego, um tema de inquietação. O que é paradoxal numa sociedade que passa por ter “tolerado” o que chamamos “homossexualidade” [...] Os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto (FOUCAULT, 1984, p. 167).

Portanto, não é incomum encontrar registros de arte erótica¹² – no teatro e nas cerâmicas, por exemplo -, que acompanhavam a inclusão social do tema no período. Na Roma dessa época, imperadores como Adriano e Heliogábalo se relacionavam com outros homens. Já na Grécia, a questão foi explorada pelo teatro e por vários autores da Antiguidade Clássica, como Heródoto, Platão e Xenofonte.

¹² Ilustração 2: Kiss Briseis Painter, Museu do Louvre, 480 d.C.



Ilustração 2 – Kiss Briseis Painter, Museu do Louvre, 480 d.C.
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/471541023459064093/?lp=true>



Ilustração 3 – Bustos de Adriano e Antínoo, *British Museum*
Fonte: <https://www.flickr.com/people/41523983@N08>



Ilustração 4 - As Rosas de Heliogábalos, 1888 - Lawrence Alma-Tadema
Fonte: <http://bit.ly/2mWqqaA>

Foi com os avanços do cristianismo que as relações entre dois corpos masculinos passaram por mudanças de representação, no período determinado como Idade Média. O corpo-objeto, dotado de história e valorações morais, passou a ser assumido com outra perspectiva, a de corpos domesticados pela Igreja (RODRIGUES, 1999), além de adquirir o valor de bem simbólico que deve ser investido, “tanto no sentido econômico como na acepção psíquica do termo” (BAUDRILLARD, 2008b, p. 169), para ser interessante ao controle social. Assim, da mesma forma que as condenações cristãs tornaram os corpos hoje conhecidos como homossexuais marginais, elas também começaram a definir quais conteúdos artísticos podiam ou não circular e obrigava que corpos expressassem sua sexualidade para condená-los (FOUCAULT, 1984), lógica que começaria a ser alterada apenas no século XIX.

Houve especulações de representação na história das artes visuais da era moderna como as indagações acerca das sexualidades do renascentista Leonardo da Vinci¹³ e do barroco de Caravaggio, com seus lascivos quadros carregados de erotismo, que para muitos o tornaram um ícone gay¹⁴. Todavia as artes já sofriam forte censura dos dogmas católicos devido ao período histórico e à presença da Igreja no cotidiano daqueles que podiam ou não ser homossexuais. Assim, a impossibilidade de se falar sobre a própria sexualidade, cria um vácuo temporal relacionado a identidades cujas pesquisas só levam a especulações.

Em 1800, no início da Idade Contemporânea surgiu a concepção de *drag queens*¹⁵. Ainda que na Grécia Antiga homens já se vestissem como mulheres, foi só na contemporaneidade que o termo “*drag queen*” foi utilizado de forma depreciativa para nomear homossexuais e tomado como performance não normativa. Essas performances eram reconhecidas como *cross-dressing* e eram consideradas sodomia, sendo assim, passíveis de punição. Só em 1880 as *drag queens* passaram a ser aceitas no teatro, sendo apropriadas como uma forma de expressão artística¹⁶. Segundo Trevisan (2000), o movimento *drag* eclodiu no Brasil apenas na década de 1990, ainda que tenham surgido no país na década de 1970.

¹³ GARCÍA, Ángeles. "Hay que demoler el mito del Caravaggio gay para poder profundizar en su obra". Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2011/11/30/actualidad/1322607616_850215.html>. Acesso em: 22 de outubro de 2017.

¹⁴ JARDIM, Lauro. Leonardo Da Vinci era gay, vegetariano e tinha déficit de atenção, afirma biógrafo. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/leonardo-da-vinci-era-gay-vegetariano-e-tinha-deficit-de-atencao-afirma-biografo.html>>. Acesso em: 22 de outubro de 2017.

¹⁵ MAHAWASALA, Samantha. A História das Drag Queens – Parte 1. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/a-historia-das-drag-queens-parte-1/>>. Acesso: 19 de novembro de 2017.

¹⁶ BRAZ, Sophia. A Cultura das Drag Queens existe desde 1880 e hoje, após 137 anos, ganha destaque no Brasil e no Mundo. Disponível em: <<http://www.cadaminuto.com.br/noticia/310097/2017/09/19/a-cultura-das-drag-queens-existe-desde-1880-e-hoje-apos-137-anos-ganha-destaque-no-brasil-e-no-mundo>>. Acesso em: 19 de novembro de 2017.



Ilustração 5 - O americano Bringham Morris Young, a *drag queen* Madam Pattrini, anos 1800. Fonte: <https://www.littlethings.com/vintage-drag/>

O Modernismo foi uma das expressões que tomaram o corpo marginal como objeto de arte e que estão mais próximas do momento atual de produção artística. No século XIX, o tom positivista da época influenciou nas formas de representação dessa arte homossexual, sempre degeneradas. O naturalismo e o realismo foram as primeiras grandes representações no Brasil, e são determinantes na inclusão da homossexualidade como pauta artística e social. Segundo Trevisan (2009), “o meio social brasileiro, a partir de 1870, incorporou os escritores à luta pela ‘renovação das estruturas sociais e pelo reforço da identidade nacional’”. Ainda que a primeira retratação de uma sexualidade desviante tenha surgido com o introdutor do naturalismo literário no Brasil, Aluísio Azevedo, com a relação amorosa de Pombinha e Leônia em “O Cortiço”, o primeiro romance a tratar da homossexualidade masculina no Brasil, foi o de Adolfo Caminha, surgiu em 1895 e era chamado de “Bom Crioulo”, e nele, o autor não homossexual tomava o corpo gay como o corpo do outro. Na mesma década, em 1898, surgia o que alguns estudiosos considerariam a primeira sugestão de sexualidade desviante no filme “*The Gay Brothers*”, de Thomas Edison. Depois de Edison, já no século XX – em 1916 -, o filme *Vingarne*, do diretor sueco Mauritz Stiller viria a tratar da atração homossexual. No entanto, o primeiro filme a abordar a questão como escopo narrativo foi “*Anders als die Anderen*”, de 1919, de Richard

Oswald, em que um violinista, Conrad Veidt, se matou mediante às punições a pederastas previstas no Parágrafo 175 da Constituição de Weimar¹⁷.

As representações artísticas que tomavam a arte homossexual menos como degenerada e mais como manifestação identitária, ainda que trabalhando com a lógica de comportamento desviante e marginal, só começaram a eclodir próximos da segunda metade do século XX, menos influenciados por leis punitivistas. É depois da segunda metade do século XX, na década de 1960, que os movimentos sociais começaram a se fortalecer. É nesse momento histórico, por exemplo, que acontece a *Stonewall Riot*. Assim, a arte do período começou a ser influenciada pelas reivindicações das minorias e os conteúdos artísticos antes produzidos começam a se fortalecer. É assim que surgem, nessa época, nomes como Andy Warhol, Tom of Finland, Rainer Fassbinder, John Waters e Jim Sharman.¹⁸

É nesse sentido que devemos entender o surgimento dos movimentos feministas, gays, lésbicos e transgêneros politicamente organizados, com suas origens no Ocidente, no final do século XIX, e tendo seu momento de emergência, no Brasil, na segunda metade dos anos 1970, no contexto da abertura política pós-ditadura. A chave do surgimento desses grupos reside na visibilidade pública para combater preconceitos e formas de exclusão, muitas vezes associados aos discursos médico, legal e religioso, bem como na busca da igualdade de direitos em uma sociedade marcada pela universalização dos valores do homem euro-norte-americano, adulto, heterossexual e branco. (LOPES, 2006, p. 279)

Na fotografia, expoentes como o americano Robert Mapplethorpe, que retratou a cena homossexual e sadomasoquista nas décadas de 1970 e 1980. Suas fotografias, com fascinação pelo homoerotismo e pelos corpos masculinos, marcaram a cena artística da época¹⁹. No Brasil, Alair Gomes, que começou sua trajetória como fotógrafo *voyeur* de homens na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro. Segundo Gomes (2010), o diferencial da arte de Alair era justamente tomar o corpo masculino como passível de ser erotizado, haja visto que a “busca pela imunidade aos indícios eróticos podem ser percebidos nas imagens de fotógrafos das décadas de 1940-1960” (GOMES, 2010, p.16). Ainda no Brasil, artistas como Lygia Clark, Di Cavalcanti e Alfredo Volpi, apesar de não terem todas as suas obras voltadas para questões sexuais, também abordavam a história da sexualidade em algumas de suas obras.

¹⁷ NAZÁRIO, Luís. Cinema Gay. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/cinema-gay/>> . Acesso em: 20 de novembro de 2017.

¹⁸ GABRIELA, Ana. Cinema Queer. Disponível em: <<http://www.revistacapitolina.com.br/cinema-queer/>>. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

¹⁹ PAIVA, Vitor. Conheça o trabalho visionário de Robert Mapplethorpe, fotógrafo que foi amante de Patti Smith. Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2016/03/conheca-o-trabalho-visionario-de-robert-mapplethorpe-fotografo-que-foi-amante-de-patti-smith/>>. Acesso em: 20 de novembro de 2017.



Ilustração 6 - *X-Self Portrait_NYC*, 1978, AROS Aarhus Art Museum, Robert Mapplethorpe.
 Fonte: <https://d32dm0rphc51dk.cloudfront.net/WXcU588UKe5JPgDIWCu0g/larger.jpg>



Ilustração 7 - Fotos do livro “*Alair Gomes – A New Sentimental Journey*”.
 Fonte: <https://catracalivre.com.br/geral/agenda/barato/o-homoerotismo-de-alair-gomes/>

Na década de 1990, os impactos do HIV e da Aids e os avanços nos estudos da chamada Teoria *Queer*, cuja principal teórica é Judith Butler, afetaram os estudos e representações sobre artes, em suas mais variadas formas. Agora, sem tantas influências da necessidade da institucionalização artística, os produtos artísticos trataram da história da sexualidade e fomentaram a movimentação de artistas que se colocaram como objeto de suas próprias obras

de arte.²⁰ É nesse período que surgem escolas como o *New Cinema Queer*, com *Paris is Burning*, de Jennie Livingston e a poesia *queer* de Glória Anzaldúa, que tentava reempoderar o termo de normalidade, sendo, portanto, um movimento de política antissocial. Esses expoentes da década de 1990, começaram a ser amplificados nos anos seguintes, até a criação da arte queer como a conhecemos: o questionamento dos corpos normatizados existentes, a proposição de novos corpos e a retratação da sexualidade como um comportamento natural.

A retratação artística da Aids e do HIV também são produtos da luta e reivindicação dos LGBTs para visibilizar questões próprias e foram temáticas englobadas como papel político da arte. Foi assim que, na década de 1980, com o advento do contexto do HIV e da Aids que o discurso testemunhal do sofrimento LGBT passou a ser tomado pelas artes. No Brasil, é possível destacar o nome de Leonilson²¹, por exemplo, que foi um artista visual brasileiro que faleceu no ano de 1993, em decorrência da doença. O artista descobriu em 1990 que era soropositivo. Em sua série *O Perigoso*, de forte carga íntima, autobiográfica e confessional, Leonilson retratou a doença e as angústias que ela trazia. Uma série de áudios, relacionados não só com essas aflições, mas também com todo o processo artístico de Leonilson gravados pelo próprio artista, foram utilizados no filme “A Paixão de JL”. Seus trabalhos artísticos tornaram-se um símbolo das discussões do tema. Além de Leonilson, outros expoentes como Renato Russo, Cazusa e Caio Fernando Abreu, também tematizaram a questão em suas artes.

²⁰ BLANCA, Rosa M. Quem tem receio da arte queer? Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-tem-receio-da-arte-queer/>>. Acesso: 20 de novembro de 2017.

²¹ MARTÍ, Silas. Descoberta da Doença Esculpiu a Fase mais Potente de Leonilson. Disponível: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/02/1743311-descoberta-da-doenca-esculpiu-a-fase-mais-potente-de-leonilson.shtml>>. Acesso em: 16/11/2017.

4. PROPOSTA DE PROJETO PRÁTICO

O Projeto Experimental aqui defendido é o de um documentário que abordará questões relativas à homossexualidade a partir da hipótese de que arte e corpo podem ser fatores de formação identitária do homem gay. Serão retratadas as vivências de quatro homens gays que estão envolvidos em diversas áreas das artes. Assim, o curta tentará documentar o processo retroalimentado entre os atravessamentos sofridos em seus corpos gays, seus fazeres artísticos e suas identidades. Durante as entrevistas do filme, o diretor-personagem irá ilustrar os entrevistados. Ao término da entrevista, será extraído sangue dos personagens, que pintarão os desenhos do diretor.

4.1 Justificativa e relevância do tema

Apesar de o movimento LGBTQIA ter crescido politicamente no pós década de 1960, com temáticas e políticas da comunidade sendo pautadas e discutidas nas mais diversas instituições e esferas sociais – mídia, família, escola e Igreja, por exemplo -²², esse crescimento é proveniente da organização política do grupo minoritário e não necessariamente da abertura das instituições para debater essas questões. Por isso, avanços sociais relacionados aos direitos e à inclusão da minoria têm como fator determinante as narrativas hegemônicas conservadoras.

Um levantamento do Aos Fatos, plataforma jornalística de pesquisa e checagem, confirmou com base na análise de dados públicos que o repasse de verbas para ações especificamente voltadas para ações contra homofobia caíram de R\$ 3 milhões em 2008, governo Luis Inácio Lula da Silva, para R\$ 519 mil em 2016 (com valores corrigidos no Índice de Preços ao Consumidor Amplo, IPCA). A justificativa seria o repasse de verbas para visibilização da causa LGBTQIA, o que não significa implementação de políticas públicas de segurança e prevenção de violências ao grupo. Em 2017, no Brasil, o repasse de verbas direcionado ao combate à homofobia no governo Michel Temer chegou a zero²³. Isso porque as questões estão diretamente vinculadas a ministérios como os de Direitos Humanos, Justiça e Cultura, cortados no início do mandato.

²² FERRAZ, Thaís. LGBT: A História do Movimento. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento/>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

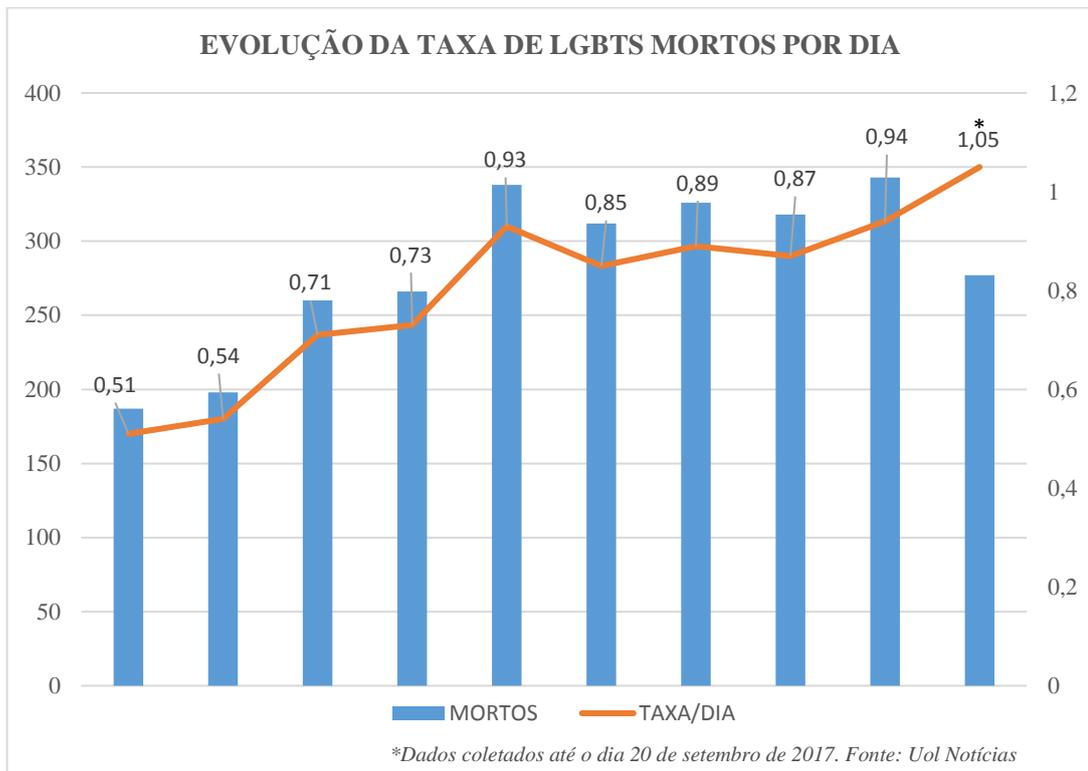
²³ NALON, Tai. Governo Temer reduz a zero repasses a políticas contra homofobia; Planalto diz investir em campanha. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/29/governo-temer-zera-repasses-a-politicas-contr-homofobia-planalto-diz-fazer-campanha.htm>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

Gráfico 1 - Investimentos em ações de combate à LGBTfobia ²⁴

Além disso, a ONG Grupo Gay da Bahia (GCB) afirmou que o ano de 2017 teve um recorde de homicídios motivados por homofobia no Brasil. A taxa é de mais de um morto por dia até setembro de 2017. A Rede Trans Brasil, entidade que também trabalha em prol dos LGBT, afirmou que os assassinatos sempre existiram e que agora começam a tomar visibilidade. O Ministério dos Direitos Humanos, por sua vez, afirmou que o número pode ser maior, haja visto que em 2016 foram 1.876 denúncias de violência contra a comunidade. A inexatidão de dados é sintomática: não existe nenhum órgão com ações específicas voltadas para a captação e elaboração de dados estatísticos sobre e para essa parte da população.²⁵

²⁴ Gráfico 1 - Investimentos em ações de combate à LGBTfobia. Dados disponíveis em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/29/governo-temer-zera-repasses-a-politicas-contrahomofobia-planalto-diz-fazer-campanha.htm>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017. em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/29/governo-temer-zera-repasses-a-politicas-contrahomofobia-planalto-diz-fazer-campanha.htm>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

²⁵ MADEIRO, Carlos. ONG aponta recorde de LGBTs mortos no Brasil em 2017; "dói só de lembrar", diz parente. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/25/brasil-tem-recorde-de-lgbts-mortos-em-2017-ainda-doi-diz-parente.htm>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

Gráfico 2 - Evolução da Taxa de LGBTs mortos por dia ²⁶

Ainda, em setembro de 2017, uma mostra LGBTQIA, o *Queermuseum*, exposta no Santander Cultural de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, foi fechado após receber várias críticas às obras de arte expostas. As obras abordavam gêneros e sexualidades desviantes e uma breve análise das redes através da ferramenta de monitoramento de rede *Stilingue War-Room*, é possível ver que Queermuseu foi associado a palavras como "ofensa", "moral", "problema", "zoofilia" e "pedofilia". O Movimento Brasil Livre, liderado pela extrema direita no país, foi um dos motores de crise. O promotor da exposição, então, optou por fechá-la e a arte, relacionada a expressão identitária de LGBTQIAs, passou a polarizar a sociedade em torno do debate da expressão artística.²⁷

²⁶ Gráfico 2 – Evolução da taxa de LGBTs mortos por dia. Dados disponíveis em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/29/governo-temer-zera-repasses-a-politicas-contra-homofobia-planalto-diz-fazer-campanha.htm>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017. em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/29/governo-temer-zera-repasses-a-politicas-contra-homofobia-planalto-diz-fazer-campanha.htm>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

²⁷ HERDY, Thiago. Manifestações contrárias à exposição Queermuseum foram 17 vezes mais vistas nas redes. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/manifestacoes-contrarias-exposicao-queermuseu-foram-17-vezes-mais-vistas-nas-redes-21873107>>. Acesso em: 22 de outubro de 2017.

TERMOS RELACIONADOS

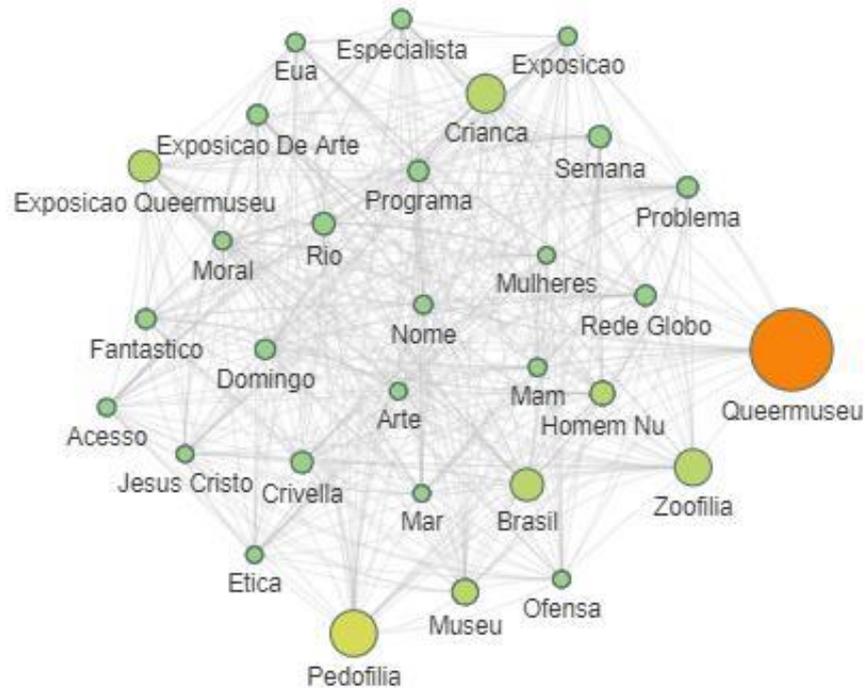


Ilustração 8 - *Print screen* da tela de monitoramento do *Stilingue War-Room*
Fonte: *Stilingue War-Room*.

No mesmo período, um vídeo gravado em uma performance realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo na Mostra Panorama da Arte Brasileira, intitulada *La Bête*²⁸, voltou a gerar polêmica em torno da comunidade. Nele, uma menina tocava os tornozelos de um homem nu, o performer Walter Schwartz, com orientação da mãe. A performance é uma interpretação da obra “Bicho” de Lygia Clark. O fato de uma criança tocar um homem, deitado e estático, gerou novas acusações à arte como incentivadora da pedofilia. O fato de o acontecimento ter ocorrido após as polêmicas do *Queermuseum* voltou a associar a comunidade LGBTQIA à pedofilia. E, ainda que as duas formas de expressão artísticas se diferenciem por tamanho, formato e tema – uma enquanto exposição sobre corpos, gênero e sexualidade e outra enquanto performance do corpo nu –, as narrativas conservadoras contrárias a ambas a tomaram como um uno temático e marginal: as narrativas vigentes não compreendem o corpo-objeto de arte.

²⁸ MENON, Isabela; GREGÓRIO, Rafael. Promotória investiga vídeo em que criança interage com artista nu. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/09/1923128-promotoria-investiga-video-em-que-crianca-interage-com-artista-nu.shtml>>. Acesso em: 22 de outubro de 2017.



Ilustração 9 – Performance “*La Bête*”²⁹

4.1.1 Hipótese

A hipótese que norteia o trabalho é de que as artes - em suas mais diversificadas manifestações: visuais, cinema, literatura, teatro, dança -, quando trabalhada em conjunção com ou tendo como temática o corpo gay, nomeia uma subjetividade ainda invisibilizada no ambiente social.

Tendo em vista que tanto arte quanto o corpo gay rompem normatividades sociais, pensar na afirmação de existência simbólica, o que não é nomeado não existe para a política hegemônica. Essa espécie de permissão para existência justificaria o fato de os corpos gays serem tão marginalizados, o interesse em conter a sexualidade em zonas relativas a medo, solidão, doença e morte e o distanciamento de debates e discussões motivados por valorações sociais.

4.2 Justificativa e relevância do produto

O primeiro motivo para a escolha do documentário como produto de Projeto Experimental é o fato de se tratar de um gênero jornalístico cujo recorte expressa uma visão de mundo a ser interpretada. É consenso entre os pesquisadores da área que o jornalista pode ter intromissão

²⁹ Ilustração 5 – Performance “*La Bête*”. Fonte: http://cdn2.correio.cworks.cloud/fileadmin/_processed_/5/1/csm_29092017NR2205_bf332dc3cb.jpg

não só estética, mas também no conteúdo. E por se tratar de um trabalho de pesquisa não apenas social e antropológico, mas de entendimento pessoal, o autor desse projeto busca se analisar a partir de seu produto. Segundo o jornalista Walter Sampaio, o documentário seria um estágio evolutivo do telejornalismo (SAMPAIO, 1971) que documentaria fatos de forma ampla e dependendo da interpretação daqueles que os assistem.

Geralmente trabalha com fragmentos de uma realidade, buscando a reflexão e a compreensão aprofundada da questão abordada, deixando para o espectador o papel de relacioná-la com seu contexto histórico, econômico, político, social e cultural (...) permitindo ao espectador suas próprias conclusões. (ALTAFINI, 1999, p.1)

O segundo motivo é a metalinguagem contida no produto cinematográfico enquanto obra artística por si. A intenção de ter um produto de arte, sobre arte e cujas narrativas retratadas serão artísticas tende a enriquecer o debate e a importância do conteúdo. Além disso, o documentário será motivador e retratador de inúmeros processos identitários, artísticos e corporais não só entre a idealização do projeto e os personagens retratados, mas também nos espectadores.

Além do impacto que uma produção audiovisual possui em uma sociedade cujas narrativas tendem a ser visuais, o apelo imagético é um dos principais artifícios do consumo em uma sociedade cujas relações essenciais são mediadas pela publicidade e cujas redes sociais são todas norteadas pela lógica do consumo visual. Esses tipos de mensagens fotográficas contínuas e sem código trazem em si um paradoxo de coexistência de duas mensagens, uma sem código, que representa aquilo que é análogo ao que é fotografado, e uma com codificação, relacionada aos seus contextos objetivos e subjetivos de produção e consumo da imagem, que demonstram posições e valores sociais (BARTHES, 1982). Por se tratar de um produto de interesse público, a estratégia de apelar para o audiovisual para transmitir a informação de forma mais eficiente e dinâmica foi um dos motores de elaboração do projeto.

Ainda é importante salientar a tese de Jameson (2006) de que o sujeito pós-moderno transforma maciçamente o corpo como bem simbólico e pauta seu consumo através dessa moeda de troca. Assim, a associação da produção audiovisual como apelo simbólico da construção através do olhar do outro ao fato de existirem espectadores que assistirão o documentário, tem-se uma forma bastante efetiva de comunicação. Enquanto a relação do diretor-personagem-objeto com os outros semelhantes é uma forma de auto reconhecimento, a

relação midiaticizada expande e amplifica as formas de compreender e criar relações entre quem assiste e quem é assistido.

4.3 Objetivos específicos

- A ideia principal é entender se há fatores comuns nas falas de homens de diferentes recortes sociais sobre identidade, corpo e arte e analisar se há algum fator identitário comum entre eles;
- Documentar as visões de cada um dos personagens do curta sobre sua relação com o próprio corpo e entender o que significam as instituições sociais para cada um deles;
- Entender se o corpo dos entrevistados é visualizado por eles mesmos como uma quebra de norma;
- Entender potenciais estéticos sobre autorrepresentação.

4.4 Metodologia

O Projeto Experimental será realizado de forma exploratória e qualitativa. Serão 3 eixos de construção teórica para a produção da parte escrita do projeto prático - teoria, contexto e análise – que embasará todas as ações relacionadas ao documentário. O produto do projeto terá como fontes homens gays na faixa de 18 a 22 anos e envolvidos com alguma forma de expressão artística. As principais ferramentas de pesquisa durante o documentário serão as entrevistas. Durante o processo e também durante a pós-produção, as respostas e vivências dos entrevistados contribuirão com as questões teóricas abordadas nesse roteiro teórico para a elaboração de uma conclusão, que, ainda que aberta, contribuirá para que os objetivos específicos aqui delineados sejam alcançados

4.5 Cronograma da pesquisa

Quadro 1 – Cronograma de Projeto Experimental 2017

Cronograma de Projeto Experimental - 2017										
Etapa	Semestre 1					Semestre 2				
	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
Levantamento de Bibliografia	■	■								
Análise de Bibliografia			■	■						
Análise de Iconografia			■	■						
Elaboração do sumário comentado				■						
Definição de Referencial Teórico				■						
Análise de referencial teórico				■						
Elaboração do anteprojeto para Projeto I				■						
Revisão da Bibliografia				■	■					
Início da parte escrita					■	■				
Finalização da parte escrita							■	■		
Levantamento de Iconografia							■	■		
Produção do documentário							■	■		
Gravação							■	■		
Edição								■	■	
Finalização									■	
Defesa										■

O trabalho será iniciado em março de 2017 com finalização em dezembro do mesmo ano. Com a ideia do campo de estudo, o curso da disciplina de Projeto Experimental I, ministrada pela Professora Doutora Raquel Paiva, possibilitou a leitura e a compreensão de vários textos básicos para a elaboração do projeto experimental. Além disso, esse foi o momento dedicado a levantamento e análise de bibliografia, elaboração do sumário comentado, definição do referencial teórico, análise do referencial teórico e a elaboração do anteprojeto. O tema foi

definido em julho de 2017. Houve, então, a necessidade de revisar a bibliografia antes selecionada com auxílio dos orientadores. Com a devida definição do referencial teórico, foi iniciado o processo de leitura e apreensão dos conceitos.

5. ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS DO DOCUMENTÁRIO

Nesse capítulo serão reportados os aspectos técnicos das fases de pré-produção, produção e pós-produção do filme *Corpo Gay*. O curta metragem foi gravado em 5 dias, pelas três zonas da região metropolitana do Rio de Janeiro. Os equipamentos utilizados foram, em sua maioria, emprestados. Além disso, foram investidos R\$ 827,65 na elaboração do documentário. O filme foi realizado através da colaboração da equipe – Carla Villa-Lobos, Igor Moreira, Julia Araújo, Rafael Rodrigues de Sousa e Vitória Régia Gonzaga da Silva -, que se voluntariou para participar do projeto.

5.1 Argumento

O filme documentará entrevistas com homens gays de diferentes corpos e contextos: cis e transgêneros, negros e brancos, de classes sociais diferentes. As perguntas envolverão não só os temas relativos à especificidade de cada recorte retratado, mas também perguntas genéricas relativas a descoberta da sexualidade, o processo de assumi-la, HIV/Aids, solidão, insegurança, corpo, expressão e arte. Serão selecionados quatro homens para a entrevista, que ocorrerá em seus quartos. Isso porque os quartos representam um local de segurança e intimidade, em que uma pessoa está tranquila para conseguir dormir, ou onde passa noites em claro com aflições. É também um lugar de experimentações sexuais e de vestuário enquanto performance.

Durante a entrevista, o autor e diretor se colocam como personagem. Os atravessamentos identitários de sua expressão artística também são pontos fundamentais, que devem ser entendidos não só como ponto de partida do documentário, mas também como mais um dos objetos documentados para tecer uma análise equivalente à hipótese da pesquisa.

O filme será iniciado com um monólogo. O diretor-personagem irá desenhar a si próprio, em sua mesa, com seus materiais. Além de se apresentar também como artista, é ali que apresentará a proposta do documentário e as questões que o levaram a realiza-lo. Além disso, a ação de estar desenhando a imagem que tem de si mesmo mostra a ideia que tem de seu próprio corpo, o que pode ser interpretado a partir da perspectiva de que a marginalização promovida pelo ambiente social também está refletida ali.

As entrevistas começarão logo em seguida. Com montagem intercalada. As perguntas serão específicas, mas com respostas bastante subjetivas, para que cada um dos entrevistados coloque a sua subjetividade e vivências em suas falas. Essas entrevistas serão entrecortadas por imagens de cada um dos entrevistados exercendo sua arte. As duas câmeras presentes no set se

dividirão entre móvel, com closes no rosto, em partes do corpo do entrevistado e no desenho sendo feito pelo diretor e em uma estática, mostrando tudo o que ocorre em cena.

Em seguida, será mostrado o processo de finalização das ilustrações. O documentarista-ilustrador irá colher uma gota de sangue do entrevistado e irá pintar o desenho. A câmera será móvel. Todas as reações serão gravadas e a montagem se encarregará de não fazer com que o curta fique monótono.

5.1.1 Personagens

Os personagens foram escolhidos por serem homens gays e estarem diretamente envolvidos com as mais diversas formas de arte. Além disso, para pluralizar o conteúdo, buscou-se uma diversidade também nos participantes. Ainda que sejam gays, é importante ressaltar que as identidades no movimento são múltiplas e recortes de classe, raça e gênero ajudam a desenhar não só a luta que fazem como também o contexto em que estão imersos.

Victor Soriano tem 22 anos, é analista de inteligência digital na Approach Comunicação. Cresceu vendo o pai desenhar e sempre teve gosto e interesse pelas artes visuais. É homem cisgênero, gay, branco, afeminado e flácido. É paulistano e se mudou para o Rio de Janeiro aos 19 anos para cursar a faculdade de jornalismo. É o autor desse projeto prático e defenderá uma exposição e um documentário como produto.

Rafael Rodrigues de Souza tem 23 anos, é designer e trabalha, com entretenimento musical na Sony Music Brasil. Além disso, a dança sempre esteve presente em sua vida e tem papel fundante em sua construção identitária e descoberta sobre sua sexualidade. Ele já se apresentou com escolas em festivais. É homem cisgênero, gay, afeminado, branco e tem recorte de classe. Nascido em São Paulo, se mudou para o Rio de Janeiro aos 19 anos para cursar publicidade e propaganda.

Arlison Rosa tem 18 anos, é formado em audiovisual e faz teatro. É um homem cisgênero e negro. Faz parte do Entre Lugares, projeto de cultura e memória de território da Maré, lugar onde vive. É ator, faz contrarregragem e camarim e toca percussão. Mora na Vila dos Pinheiros com sua mãe Lidiane e sua irmã, é o segundo de três irmãos. Assumiu-se aos 12 anos e hoje estuda gestão financeira. Recebeu o prêmio de melhor ator no Festival de Teatro Universitário 2016. O teatro é, para ele, uma expressão política de resistência.

Benjamin Cipriano tem 18 anos. É um homem trans. Já fez teatro, é artista plástico e fotógrafo. Foi criado pela avó e assumiu tanto identidade de gênero quanto sexualidade aos 12 anos. Mora em um condomínio na Estrada do Pontal, em Jacarepaguá, com os pais e o irmão.

Sempre buscou a arte como suporte para os seus processos de autoaceitação e reconhecimento identitário.

5.2 Equipe

- Direção – Victor Soriano, graduando do curso de jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Analista de inteligência digital na Approach Comunicação e repórter da Revista Híbrida, uma revista feita por e para LGBTQ+;
- Assistente de Direção - Carla Villa-Lobos, graduanda do curso de rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro e diretora do filme Mercadoria e Vitória Régia Gonzaga da Silva, graduanda do curso de jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Editora da Revista Capitolina, repórter de dados o núcleo editorial da Gênero e Número e repórter da Revista Híbrida, uma revista feita por e para LGBTQ+;
- Roteiro – Victor Soriano, graduando do curso de jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Analista de inteligência digital na Approach comunicação e repórter da Revista Híbrida, uma revista feita por e para LGBTQ+;
- Produção – Julia Araújo Ferreira da Silva, graduanda do curso de rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro e produtora audiovisual do filme Mercadoria;
- Captação de Som - Vitória Régia Gonzaga da Silva e Igor Moreira, graduando do curso de rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Redator publicitário e produtor no Universal Channel;
- Câmeras - Carla Villa-Lobos e Julia Araújo Ferreira da Silva.
- Montagem – Igor Moreira, graduando do curso de rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Redator publicitário e produtor no Universal Channel;
- Fotografia, direção de arte e edição – Rafael Rodrigues de Souza, graduando do curso de publicidade e propaganda da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Designer na Sony Music Brasil;

5.3 Equipamentos

Os equipamentos utilizados na produção do documentário tiveram, em sua maioria, origem da Central de Produção Multimídia da Escola de Comunicação da Universidade Federal

do Rio de Janeiro. Fora três reservas de equipamento realizadas para os dias 04, 11 e 18 de novembro, relativas às diárias de gravação do documentário.

Quadro 2 – Relação de equipamentos

RELAÇÃO DE EQUIPAMENTOS	
<p>Captação de imagem</p> <p>Canon EOS70D; Lentes Canon Zoom Lens EF 24-105mm/Canon 50mm 1.8; iPhone 6S 16GB; iPhone 5S 16GB;</p>	<p>Captação de Som</p> <p>EarPods Apple; Gravador Fostex FR-2LE; Vara boom; Microfone Shotgun Yoga HT-81;</p>
<p>Armazenamento</p> <p>HD Externo Seagate 1TB; Mox USB 2.0 All-in-1 Card Reader; Sandisk Ultra 30MB/s 16GB; Transcend CompactFlash UDMA 7 600x 16GB;</p>	<p>Edição de Vídeo</p> <p>Adobe Premiere Pro CC; Adobe After Effects;</p>
<p>Iluminação</p> <p>Softbox 1000W; Luminária Tok & Stok Cafezal c/ Lâmpada 40W Philips Branca;</p>	<p>Elétrica</p> <p>Extensão/Prolonga; Benjamin;</p>

5.4 Ficha técnica do filme

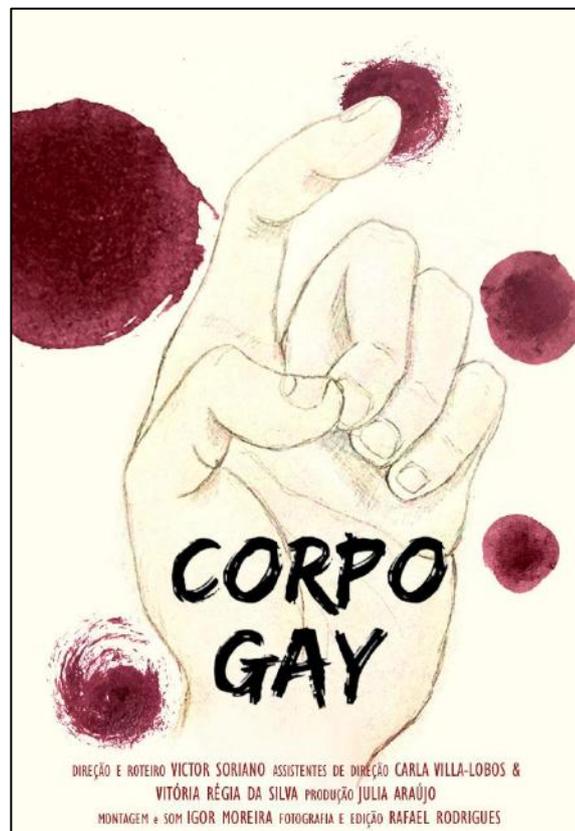


Ilustração 10 - Cartaz do filme Corpo Gay – Direção de Arte: Victor Soriano

Quadro 3 - Ficha técnica do filme

FICHA TÉCNICA DO FILME	
Título	Corpo Gay
Ano de produção	2017
Dirigido por	Victor Soriano
Duração	15 minutos
Classificação	Livre
Gênero	Documentário
País de Origem	Brasil

5.5 Ficha técnica da exposição

Quadro 4: Ficha técnica da exposição

FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO	
Título	Corpo Gay
Ano de exposição	2017
Montagem	Victor Soriano
Ilustrações	12
Artistas	Benjamin Cipriano, Arlison Rosa, Rafael Rodrigues e Victor Soriano
Gênero	Queer/Ilustração
País de Origem	Brasil

5.5.1 Conteúdo

Os desenhos expostos na exposição Corpo Gay foram realizados durante as entrevistas do documentário que leva o mesmo nome. O artista buscou referências como Laerte e Mondrian no estudo para a produção das ilustrações. A ideia contida nas obras não é a busca pela perfeição realista dos traços, mas uma busca simbólica de representação dos personagens do filme. O primeiro quadro da exposição é um autorretrato, que mostra como o diretor se vê. Já o último, é o desenho do autor lido e escrito por outro homem gay. Os outros desenhos são representações e leituras do momento do próprio diretor durante execução do documentário.

A escolha do sangue foi uma forma de mesclar identidades: a do autor, a do desenho e a do entrevistado. O sangue de cada personagem é único e é a metáfora para o escopo da pesquisa: homens gays são arte. Além disso, o sangue reempodera a dor física dos machucados

e torturas sofridos pelos LGBTQIA. Portanto, com exceção da primeira obra – que é a representação do processo artístico de autorrepresentação próprio -, todas as outras são de coautoria do desenhista-entrevistador e seus entrevistados.

6. GASTOS DE EXECUÇÃO

Quadro 5 – Relação de gastos

RELAÇÃO DE GASTOS				
PRODUTO	APLICAÇÃO	LOCAL	QUANTIDADE	VALOR
Papel Casca de Ovo A4 180g/M ² Branco Filipaper	Desenhos	Boutique do Papel - Shopping Rio Sul	1	R\$ 14,92
Uber	Transporte de equipamentos	Lauro Müller/Botafogo - Complexo da Maré	-	R\$ 38,75
Uber	Transporte de entrevistado	Vila dos Pinheiros/Complexo da Maré - Circo Voador	-	R\$ 35,22
Uber	Transporte de equipamentos	Vila dos Pinheiros/Complexo da Maré - Lauro Müller/Botafogo	-	R\$ 36,00
Uber	Transporte de equipamentos	Lauro Müller/Botafogo - Santo Amaro/Glória	-	R\$ 23,54
Uber	Transporte de equipamentos	Rua Santo Amaro/Glória - Lauro Müller/Botafogo	-	R\$ 24,32
Alimentação	Equipe	Rua Santo Amaro/Glória	-	R\$ 89,00
Moldura	Exposição	Tok & Stok - Casa & Gourmet Botafogo	6	R\$ 156,00
Kit Freestyle Optium Neo Consumer Monitor + 10 Lancetas	Desenhos	Drogasmil - Shopping Rio Sul	1	R\$ 67,70
Metrô	Transporte	Cardeal Arcoverde - Jardim Oceânico	1	R\$ 4,30
BRT	Transporte	Jardim Oceânico - Estrada do Pontal	1	R\$ 1,00
Ônibus	Transporte	Integrada 9 - Estrada do Pontal - Rio Sul	1	R\$ 3,40
HD Seagate 1 TB	Armazenamento de material	Promoinfo Centro	1	R\$ 208,00
Impressão	Qualificação - Projeto II	ECO UFRJ/Botafogo	1	R\$ 15,50
Impressão	Defesa	ECO UFRJ/Botafogo	4	R\$ 88,00
Impressão	Qualificação – Projeto II	ECO UFRJ/Botafogo	1	R\$ 22,00
TOTAL				R\$ 827,65

7. CONCLUSÃO

A produção do documentário aponta para uma tendência da comunicação pós-moderna: o transmídia. Na atual sociedade, é impossível que se pense em comunicação sem pensar na pluralidade das Novas Tecnologias da Comunicação e Informação, assim como dos receptores e produtores de conteúdo. Por isso, apesar de o caráter jornalístico – que envolve investigação, apuração e documentação – ter sido essencial para realização do trabalho, o produto da pesquisa de conclusão de graduação teve de ser pensado de forma ampliada para seu efetivo ato comunicar, daí a importância de se pensar em outros formatos e em outras formas de acesso à informação.

Ao serem colocadas lado a lado, teoria e prática experimental, foi possível confirmar que arte e corpo podem ser tomados como fatores identitários do corpo gay. Isso porque essa associação cria uma equação aditiva entre dois objetos dotados de força política e questionamento das normas há muito tempo impostas pela história ocidental do mundo.

Uma das maiores dificuldades na elaboração do trabalho foi encontrar os objetos que possibilitam a associação de arte e homossexualidade. Ainda que o assunto esteja em debate no ano de 2017, encontrar registros antigos para realizar uma linha do tempo exata sobre corpos sexualmente desviantes na arte é uma tarefa árdua. E isso, justamente pela história por detrás das noções de sexualidade e marginalização. Também são poucos nomes homossexuais a serem tomados como baluarte na arte pré-contemporâneo. São muitas as especulações e, apesar de as bibliografias denotarem a existência desses artistas, eram socialmente marginalizados ou viviam à sombra do medo de serem penalizados e, por isso, nem sempre se sabe seus nomes.

Além disso, devido a tamanha interseccionalidade acadêmica, com um tema que atravessa diversas áreas acadêmicas – arte, sexualidade e antropologia do corpo – é impossível que se tome a pesquisa como terminada, tornando obrigatório que se tome-a como o início de um processo de produção intelectual denso que pode nunca chegar ao fim.

8. REFERÊNCIAS

A PAIXÃO DE JL. Carlos Nader. Brasil, 2016. 82 minutos. Português. Colorido.

ALTAFINI, Thiago. **Cinema documentário: Evolução histórica da Linguagem**. Bocc – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 1999.

BARTHES, R. **A mensagem fotográfica**. In: O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **A retórica da imagem**. In: O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BLANCA, Rosa M. **Quem tem receio da arte queer?** Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-tem-receio-da-arte-queer/>>. Acesso: 20 de novembro de 2017.

BICHAS: O DOCUMENTÁRIO. Marlon Parente. Brasil, 2016. 39 minutos. Português. Colorido.

BRAZ, Sophia. **A Cultura das Drag Queens existe desde 1880 e hoje, após 137 anos, ganha destaque no Brasil e no Mundo**. Disponível em: <<http://www.cadaminuto.com.br/noticia/310097/2017/09/19/a-cultura-das-drag-queens-existe-desde-1880-e-hoje-apos-137-anos-ganha-destaque-no-brasil-e-no-mundo>>. Acesso em: 19 de novembro de 2017.

CHIARA, Ana; SANTOS, Marcelo; VASCONCELLOS, Eliane (Orgs.). **Corpos Diversos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

FERNANDES, Nathan; ESTRELA, Gabriel. A síndrome do preconceito. **Eu vivo com HIV: E o preconceito é a pior parte**. Galileu. São Paulo. Vol. 313. São Paulo: Editora Globo, agosto/2017.

FERRAZ, Thaís. **LGBT: A História do Movimento**. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento/>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Ed.16. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: edições Graal, 2007.

_____. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. 41ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

GABRIELA, Ana. **Cinema Queer**. Disponível em: <<http://www.revistacapitolina.com.br/cinema-queer/>>. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

GARCÍA, Ângeles. **"Hay que demoler el mito del Caravaggio gay para poder profundizar en su obra"**. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2011/11/30/actualidad/1322607616_850215.html>. Acesso em: 22 de outubro de 2017.

GARCÍA, Janaína. **Juiz que autorizou "cura gay" diz que decisão teve interpretação "equivocada"**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/21/juiz-que-autorizou-cura-gay-diz-que-decisao-teve-interpretacao-equivocada.htm>>. Acesso em: 22 de outubro de 2017.

GOMES, Aline F. **A Fotografia de Alair Gomes: O Fascínio pelo Corpo Masculino**. VI EHA – Encontro de História da Arte. Unicamp: Campinas, 2010.

GROSTEIN, Fernando. **LGBT na Arte – Pinturas Rupestres (com Vivieuvi)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9J8yguVExRg>>. Acesso em 22 de outubro de 2017.

_____. **LGBT na Arte – Roma Antiga (com Vivieuvi)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qjk-AZ_a5Zc>. Acesso em: 22 de outubro de 2017.

_____. **LGBT na Arte – Caravaggio e Fotógrafos (com Vivieuvi)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BLJV81reFTk>>. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

_____. **LGBT na Arte – O Impacto do HIV na Arte (com Vivieuvi)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zwq5rO8eUGM>>. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

HERDY, Thiago. **Manifestações contrárias à exposição Queermuseum foram 17 vezes mais vistas nas redes**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/manifestacoes-contrarias-exposicao-queermuseum-foram-17-vezes-mais-vistas-nas-redes-21873107>>. Acesso em: 22 de outubro de 2017.

HOLF, Tânia (Org.). **Corpos Discursivos: Dos regimes de visibilidade às biossociabilidades do consumo**. Recife: Editora UFPE, 2016.

JAMESON, Fredric. **Espaço e Imagem: Teorias do pós moderno e outros ensaios**. Organização e tradução: Ana Lúcia Almeida Gazzola. 4. ed.. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

JARDIM, Lauro. **Leonardo Da Vinci era gay, vegetariano e tinha déficit de atenção, afirma biógrafo**. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/leonardo-da-vinci-era-gay-vegetariano-e-tinha-deficit-de-atencao-afirma-biografo.html>>. Acesso em: 22 de outubro de 2017.

JOGO DE CENA. Eduardo Coutinho. Matizar Filmes. Brasil, 2007. 105 minutos. Português. Colorido.

LAERTE; Mendes, Toninho (Org.). **Modelo Vivo**. 1ª ed. São Paulo: Barricada, 2016.

LAERTE-SE. Eliane Brum. Lygia Barbosa da Silva. Tru3Lab. Brasil, 2017. Netflix. 100 minutos. Português. Colorido.

LEVY, Michael. **Gay Rights Movement**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Buggery-Act>>. Acesso em: 12 de novembro de 2017.

LOPES, Denilson. **Cinema e gênero**. In: História do Cinema Mundial. Campinas, SP: Editora Papius, 2006. p. 379-394.

MADEIRO, Carlos. **ONG aponta recorde de LGBTs mortos no Brasil em 2017; "dói só de lembrar", diz parente**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/25/brasil-tem-recorde-de-lgbts-mortos-em-2017-ainda-doi-diz-parente.htm>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

MAHAWASALA, Samantha. **A História das Drag Queens – Parte 1**. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/a-historia-das-drag-queens-parte-1/>>. Acesso: 19 de novembro de 2017.

MARTÍ, Silas. **Descoberta da Doença Esculpiu a Fase mais Potente de Leonilson**. Disponível: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/02/1743311-descoberta-da-doenca-esculpiu-a-fase-mais-potente-de-leonilson.shtml>>. Acesso em: 16/11/2017.

MENON, Isabela; GREGÓRIO, Rafael. **Promotora investiga vídeo em que criança interage com artista nu**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/09/1923128-promotora-investiga-video-em-que-crianca-interage-com-artista-nu.shtml>>. Acesso em: 22 de outubro de 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE/BRASIL. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2013**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2013/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2013>>. Acesso em: 22 de setembro de 2017.

NALON, Tai. **Governo Temer reduz a zero repasses a políticas contra homofobia; Planalto diz investir em campanha.** Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/29/governo-temer-zera-repasses-a-politicas-contra-homofobia-planalto-diz-fazer-campanha.htm>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

NAZÁRIO, Luís. **Cinema Gay.** Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/cinema-gay/>>. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

O FIM E O PRINCÍPIO. Eduardo Coutinho. VideoFilmes Produções Artísticas LTDA. Brasil, 2005. 118 minutos. Português. Colorido.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **“Conhecimento sobre prevenção à Aids permanece baixo, dizem jovens ao UNAIDS”.** Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conhecimento-sobre-prevencao-a-aids-permanece-baixo-dizem-jovens-ao-un aids/>>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Países defendem ampliar acesso de mulheres a serviços de saúde para acabar com epidemia de HIV.** Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/paises-defendem-ampliar-acesso-de-mulheres-a-servicos-de-saude-para-acabar-com-epidemia-de-hiv/>>. Acesso em: 16 de novembro de 2017.

PAIVA, Vitor. **Conheça o trabalho visionário de Robert Mapplethorpe, fotógrafo que foi amante de Patti Smith.** Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2016/03/conheca-o-trabalho-visionario-de-robert-mapplethorpe-fotografo-que-foi-amante-de-patti-smith/>>. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

PARIS IS BURNING. Jennie Livingston. Academy Entertainment

Off White Productions. EUA, 1990. Netflix. 78 minutos. Inglês/Legendado. Colorido.

ROCHA, Everardo; RODRIGUES, José Carlos (Orgs). **Corpo e Consumo:** Roteiro de estudos e pesquisa. Editora PUC-Rio.

Rodrigues, J. C. **O Corpo na História.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

_____. Rodrigues, J.C. **Tabu do Corpo.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

_____. Rodrigues, J.C. **Tabu da Morte.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SAMPAIO, Walter. **O documentário.** In: Jornalismo audiovisual, rádio, TV e cinema. 2 ed. São Paulo: Vozes/Edusp, 1971. p.100.SANT’ANNA, Denise Bernuzzi (Org.). **Política do corpo:** elementos para uma história de práticas corporais. 2ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso:** A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Prefácio.** In: Bom Crioulo. Editora Hedra, 2009. p. 9-10.

TOURAINÉ, Alain. **O Mundo das Mulheres.** 1ªed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

MERCADORIA. Carla Villa-Lobos. 15 minutos. Brasil, 2017. Português. Colorido.